



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA E CONCLUSÃO DE CURSO
PROFESSOR ORIENTADOR: Fernando Braga

Mulher na cobertura de esportes

Um estudo sobre a razão da supremacia dos homens na Editoria de Esportes e o aumento da participação de mulheres na cobertura esportiva

Carmen Nilce da Silva Brasiliense
RA: 2051298/2

Brasília, Outubro de 2008

Carmen Nilce da Silva Brasiliense

Mulher na cobertura de esportes

Um estudo sobre a razão da supremacia dos homens na Editoria de Esportes e o aumento da participação de mulheres na cobertura esportiva

Monografia apresentada à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial obtenção ao grau de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Orientador: Prof.º Fernando Braga

Brasília, Outubro de 2008

Carmen Nilce da Silva Brasiliense

Mulher na cobertura de esportes

Um estudo sobre a razão da supremacia dos homens na Editoria de Esportes e o aumento da participação de mulheres na cobertura esportiva

Monografia apresentada à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial obtenção ao grau de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Orientador: Profº. Fernando Braga

Banca Examinadora

Profº Fernando Braga
Orientador

Profª Ana Paula Ferrari
Examinadora

Jornalista Paulo Rossi
Examinador

Brasília, Outubro de 2008

Dedico este trabalho aos meus pais Maria de Nazaré Brasiliense e Luiz Queiroz Brasiliense que com muito esforço me ajudaram para que eu me formasse e ao meu tio Ronaldo Brasiliense, que sem ele também não chegaria até aqui.

Agradecimento

Agradeço primeiramente a Deus, foi a confiança nele que me fez chegar até aqui. Aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado. A minha irmã Tatiana, que mesmo de longe me deu apoio e força. Ao meu namorado Felipe Reis que sempre me aconselhou. As minhas amigas de fora da faculdade, Laís e Mariane que sempre ofereceram ajuda e as amigas que conquistei no decorrer do curso, Christiane e Gabriela que me apoiaram durante estes quatro anos e viraram grandes companheiras. Aos professores que me ensinaram realmente o que é ser jornalista, e a todos que contribuíram direta e indiretamente para a realização desse grande sonho.

"O jornalismo é, antes de tudo e sobretudo, a prática diária da inteligência e o exercício cotidiano do caráter."

Cláudio Abramo

RESUMO

Esta monografia apresenta a cobertura esportiva, com foco no trabalho feito pelas mulheres. Acompanhar as mudanças ocorridas no jornalismo esportivo, passando pelas mulheres na prática de esportes até a cobertura feita por elas.

Mulheres que se interessam por esportes e o praticam sofreram muito preconceito nas primeiras grandes competições, assim como as que trabalham com isso podem sofrer algum tipo de preconceito, mas muitas mulheres conquistaram seu espaço e respeito nesta área competindo igualmente com os homens, por mais que em número eles ainda sejam absolutos.

Esta monografia tem como objetivo saber o motivo de o jornalismo esportivo ser dominado por homens. Para o alcance destes objetivos, foram ressaltados temas como: jornalismo esportivo, mulher no mercado de trabalho bem como no jornalismo, mulher na prática esportiva e mulher na cobertura esportiva.

Após o conceito, foi realizada a conclusão, mostrando a ligação dos temas e a razão de as mulheres não terem o mesmo espaço na cobertura esportiva que os homens.

Palavras-chave: cobertura esportiva, mulheres no esporte, preconceito e mulher no jornalismo esportivo.

SUMÁRIO

1. Introdução	9
2. Jornalismo Esportivo	10
3. Mulher no mercado de trabalho.....	15
4. Mulher no jornalismo	19
5. Mulher no esporte	22
6. Mulher na cobertura esportiva.....	26
7. Conclusão	29
REFERÊNCIAS.....	30

1. Introdução

O esporte sempre foi motivo de curiosidade de ambos os sexos, mas o número de homens que praticam e fazem a cobertura de esportes é maior do que o de mulheres. Esta pesquisa analisa a cobertura esportiva e a participação feminina na mesma.

O estudo é realizado por meio de pesquisa bibliográfica e eletrônica para que possa entender a supremacia masculina frente à feminina na cobertura esportiva.

A presente pesquisa possui motivações vindas do interesse da pesquisadora pelo assunto, e a curiosidade de entender a razão de haver um número menor de mulheres na cobertura de esportes e o recente aumento delas, em todas as áreas do jornalismo, seja impresso, rádio ou TV.

O primeiro capítulo trata a respeito do Jornalismo Esportivo, e suas particularidades; o segundo trata das mulheres no mercado de trabalho e as recentes conquistas; o terceiro é sobre as mulheres no meio jornalístico; o quarto a respeito das mulheres na prática de esportes e o quinto e último capítulo sobre a cobertura de esportes feita por mulheres,

E em seguida a conclusão da presente pesquisa, analisando as razões de existir mais homens do que mulheres em editorias e programas de esportes.

2. Jornalismo Esportivo

“O homem está interligado e correlacionado ao esporte desde os primatas, quando fugiam de animais predadores, lutavam por áreas e regiões e disputavam domínios no início das coletividades. Acredita-se que depois da alimentação, a mais antiga forma de atividade humana é a que hoje se conhece por esporte.” (HISTÓRIA do Esporte, 2008). Hoje, o esporte está totalmente profissionalizado e não visto como simples passatempo para as horas de lazer. As disputas, independente do tipo de esporte, estão cada vez mais equiparadas e disseminadas pelo mundo.

A transmissão de esporte em tempo real faz com que as competições estejam totalmente globalizadas. Pessoas assistem a uma mesma partida de futebol da copa do mundo ao mesmo tempo, independente de que lugar do mundo se encontrem. De acordo com Roberto DaMatta em *O significado do esporte na sociedade moderna e do futebol no Brasil do Seminário de Comunicação Banco do Brasil*, 2001, apesar de tudo que se possa dizer do esporte, ele continua sendo um dos domínios mais intrigantes da sociedade e da civilização.

Trabalhar com jornalismo esportivo não é tarefa simples, é o que afirma Paulo Vinicius Coelho em *Jornalismo Esportivo*,

Talvez não haja área do jornalismo tão sujeita a intempéries quanto a cobertura de esportes. O profissional enfrenta o preconceito dos próprios colegas, que a consideram uma editoria menos importante, e também do público, que costumava tratar o comentarista ou repórter esportivo com mero palpiteiro (COELHO, 2003, contra capa).

Segundo DaMatta, “a ausência de estudos do campo esportivo comprova uma tese bem conhecida dos antropólogos; a saber: quanto mais próximo de nós, menos valor, atenção e estudo recebe o fenômeno” (DaMatta, 2001, p. 27). Ou seja, por mais que o esporte esteja presente no dia-a-dia dos brasileiros, pouco se estuda sobre o assunto e por isso menos valor é dado aos profissionais que atuam na editoria.

No Brasil, falar em esporte logo se remete ao futebol, paixão nacional e campeão de audiência. Com exceção da época dos Jogos Olímpicos, a TV brasileira dá total cobertura ao esporte preferido dos brasileiros em detrimento de outros.

Na sociedade brasileira, o esporte como um domínio associado à competição e ao uso desinibido do corpo teve no futebol um veículo de notável popularidade. Talvez porque o futebol seja jogado em equipe, o que permite retomar no nível simbólico o ideal de uma coletividade exclusiva, como a de uma casa ou família (DaMATTA, 2001, p. 33).

Por mais que no Brasil o futebol tenha preferência entre os esportes, um jornalista apaixonado por um esporte não irá tornar-se especialista.

Ai de quem for apaixonado por futebol e entrar na redação pensando que irá escrever só sobre futebol. Ai mais ainda de quem tiver loucura por outro esporte. Quem for louco por vôlei, por basquete, quem tiver paixão por tênis e sonhar ser especialista no esporte de que gosta. Não, tal possibilidade não está excluída. Mas, se já dá trabalho conquistar reconhecimento na profissão trabalhando com futebol, é muito mais feroz a luta para chegar ao topo em outro esporte(...) O mercado não contempla quem quer aventurar-se nessas áreas específicas. Esse aventureiro poderá ter muito sucesso. Mas vai ter que brigar muito mais por isso. (COELHO, 2003, p.33 e 35)

Além do jornalismo esportivo impresso, existe o da TV que tornou-se o mais parcial, onde muitas vezes em uma partida de futebol o gol de um time é narrado com mais intensidade que do outro. Os locutores acabam tornando-se as estrelas da transmissão na TV.

Todos os elementos para construir uma boa matéria jornalística estão ali, À disposição das câmeras, dos locutores, comentaristas e repórteres. É só usar o microfone e salientar o que há de bom, mostrar o que há de ruim. Nenhuma matéria está assim tão escancarada diante do jornalista quanto o evento esportivo. E, no entanto, é a matéria jornalística o que menos aparece em transmissão. Tudo o que importa, afinal, é o show dos locutores e repórteres. (COELHO, 2003, p.64)

Juca Kfourri defende o mesmo ponto de vista em *Jornalismo Esportivo: os craques da emoção*.

O jornalista esportivo brasileiro dos meios eletrônicos vive a permanente ambigüidade entre torcer e informar. É natural, diga-se desde logo, que haja a priorização das competições que tenham atletas brasileiros e que as narrações assumam um tom nacionalista. Mas há limites e nem sempre estes são obedecidos. É a velha contradição entre torcer e distorcer. Quando se cobre uma Olimpíada ou uma Copa do Mundo, é preciso ter bem claro que ambas são festas esportivas, não guerras. Se nas guerras a primeira derrota é sempre a verdade, no esporte nada justifica a repetição do mesmo fenômeno. Jornalistas

que saem do seu país para um evento esportivo internacional têm apenas um compromisso: com o leitor, com o telespectador, com o ouvinte. (KFOURI, 2004, p.9)

A obrigação do não envolvimento na cobertura jornalística pode virar um drama, antes de se tornar um jornalista esportivo, o profissional tinha seu time preferido e torcia por ele, não que depois de começar a trabalhar na área ele vá deixar de torcer e ter seu time preferido, mas quando for cobrir uma partida terá que mostrar sua imparcialidade, fato complicado, pois terá contato direto com seus ídolos o que poderia provocar a tietagem. José Eduardo Carvalho comenta no livro *Formação e Informação Esportiva* a relação entre jornalista esportivo e esportista.

A aproximação do jornalismo esportivo com seus personagens e mazelas embutia, porém, alguns perigos que iriam cobrar seu preço mais cedo ou mais tarde. O envolvimento profissional passou a ser muito mais intenso, o repórter passou a conviver com os atores, saiu da condição de observador atento a participante do evento esportivo em si, e com ele carregava toda a imagem do jornal, e da imprensa especializada, Era trabalhoso “humanizar” sem abrir flancos, às vezes tomar partido de um clube ou de um atleta e ao mesmo tempo evitar abusos e jogo de interesses. Essa vulnerabilidade exigia do profissional doses extras de equilíbrio, distanciamento e postura – numa palavra, ética –, sob o risco de acusar reflexos em seu próprio discurso. (CARVALHO, 2005, p. 67)

Outro ponto importante na transmissão esportiva na TV é a briga que existe pela compra de um evento esportivo, o que causa prejuízos ao telespectador, assim como explica Paulo Vinícius Coelho, “A questão é tolher o jornalismo, castrar o direito à informação do resto dos espectadores exclusivamente por ter feito a opção de compra dos direitos de transmissão do evento” (2003, p. 66).

O jornalismo na Internet é o tipo mais recente e começou quando a Internet tomou conta do Brasil, por volta da metade dos anos 90. Houve muitos investimentos, mas em 2001 foi um ano complicado.

O Ig dispensou toda a equipe de esportes, a direção do site julgou desnecessário o investimento, pois os anunciantes não se interessavam pelo novo veículo. A fuga dos investidores provocou uma catástrofe nas redações de todos os veículos ligados a Internet (...) A estabilidade chegou em 2002. Quem tinha de continuar investindo continua até hoje. (COELHO, 2003, p. 61)

A Internet é o meio mais veloz para propagar a informação, mas ainda é visto com receio por certos internautas pela falta de credibilidade, muitas vezes a velocidade para colocar uma notícia é mais importante do que a checagem. Mas no esporte, por esse meio ser veloz, torna-se de grande importância, o resultado de um jogo pode ser visto em tempo real.

A ética é importante em qualquer profissão, e no jornalismo esportivo não é diferente. Em *Manual do Jornalismo Esportivo*, os autores Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel discorrem sobre o assunto.

A ética no jornalismo esportivo tem a mesma importância do que qualquer outra área, uma vez que ela baliza as ações humanas, critica a moralidade e se constitui em princípios e disposições. A ética tem sido o principal balizador do desenvolvimento histórico do esporte. Ele se desenvolve no campo ético desde os tempos da Antiguidade greco-romana. (BARBEIRO E RANGEL, 2006, p. 113 e 114).

Os autores fazem algumas sugestões de condutas éticas, como:

- Muitos jornalistas não conseguem separar amizade de relacionamento profissional. Neste caso, é preciso decidir o que é mais importante: a amizade com o atleta tal ou a carreira de jornalista esportivo (BARBEIRO E RANGEL, 2006, p.114).
- Os jornalistas convivem com os maiores ídolos do esporte nacional e mundial. Nem por isso devem, em hipótese nenhuma, ter demonstrações de tietagem. Tietar não condiz com o comportamento esperado de quem está ali para noticiar (BARBEIRO E RANGEL, 2006, p.114)

Eles lembram da grande importância de separar o profissional do pessoal. Em qualquer profissão, há grande importância, mas quando se trata de jornalistas esportivos torna-se indispensável.

- Não arme para sempre cobrir ou fazer os jogos de seu clube de coração. Além de prejudicar o trabalho de outros colegas, você pode ficar taxado como “jornalista torcedor”, o que arranhará sua imagem profissional. Um bom teste para a isenção nossa de cada dia é cobrir eventos de outros clubes e depois perguntar aos colegas como foi o trabalho (BARBEIRO E RANGEL, 2006, p. 114).
- Não seja um “repórter-artista”. Portanto não apareça estrategicamente ao lado dos jogadores em fotos, entrevistas ao vivo para televisão com a finalidade de ser reconhecido. Cuidado com o ego. Não se confunda com os ídolos do esporte. Deixe isso para os atletas. (BARBEIRO E RANGEL, 2006, p.115)

No Jornalismo Esportivo, a cobertura não é somente dos esportes em si.

As pautas do Jornalismo Esportivo incluem a cobertura de eventos (Jogos Olímpicos, Copas do Mundo, campeonatos, competições, treinos, contratações de jogadores e técnicos), as instituições que geram produtos e fatos (comitês olímpicos, federações esportivas, clubes, torcidas), as políticas públicas para a área (Ministério do Esporte, secretarias do Esporte, construções de estádios, quadras e áreas de lazer) e o dia-a-dia do setor. No Brasil, o esporte que domina a esmagadora maioria das pautas em Jornalismo Esportivo é o futebol, . Em diversos jornais e revistas não-especializados em Esporte, há uma divisão entre o futebol e os demais esportes. (JORNALISMO esportivo: Wikipédia, a enciclopédia livre, 2008)

A editoria de esportes deveria ter a mesma importância que qualquer uma outra dentro de um jornal, pois o esporte tem a capacidade de entreter, e ao mesmo tempo apaixonar aqueles que o acompanham. Ele assumiu total valor simbólico na imaginação dos brasileiros, valor de alegria e descontração. Assistir a um jogo, é o momento de descansar, relaxar e se divertir.

3. Mulher no mercado de trabalho

No mundo contemporâneo a mulher deixou de se dedicar somente a casa e aos filhos para conquistar seu espaço no mercado de trabalho. Hoje a situação entre homens e mulheres ainda não é igualitária, seja qual for o campo analisado. Quando se trata de empregos, o mercado sempre foi dominado por homens, mas aos poucos as mulheres têm ampliado sua participação na População Economicamente Ativa, PEA. Para chegar ao patamar em que hoje as mulheres se encontram, não foi fácil, pois são vítimas de preconceito quando tentam se aventurar em novas áreas, sempre dominadas por homens.

Para os historiadores, houve um tempo em que tudo era simples: quando “as mulheres não trabalhavam” ou trabalhavam muito pouco. Apenas a jovem classe da geração *baby boom*, munida desde cedo de educação, livre dos incômodos da maternidade não desejada, começava a perturbar o equilíbrio de um mercado de trabalho supostamente masculinizado. Então, as mulheres apareceram, no início timidamente, nas esferas da maternidade e da assistência ou ainda nos ofícios que a tradição consentia em lhes reconhecer: mulheres das tecelagens e das agulhas, em oposição aos homens das máquinas e das ferramentas. A história do mercado de trabalho mantinha-se fechada, as mulheres relegadas às esferas da precariedade, identificadas como a simples e famosa mão-de-obra de apoio. (MARUANI E HIRATA, 2003, p. 55)

“Ao analisar o comportamento da força de trabalho feminina no Brasil no último quarto de século, o que chama a atenção é o vigor e a persistência do seu crescimento.” (FCC: Fundação Carlos Chagas, 2008)

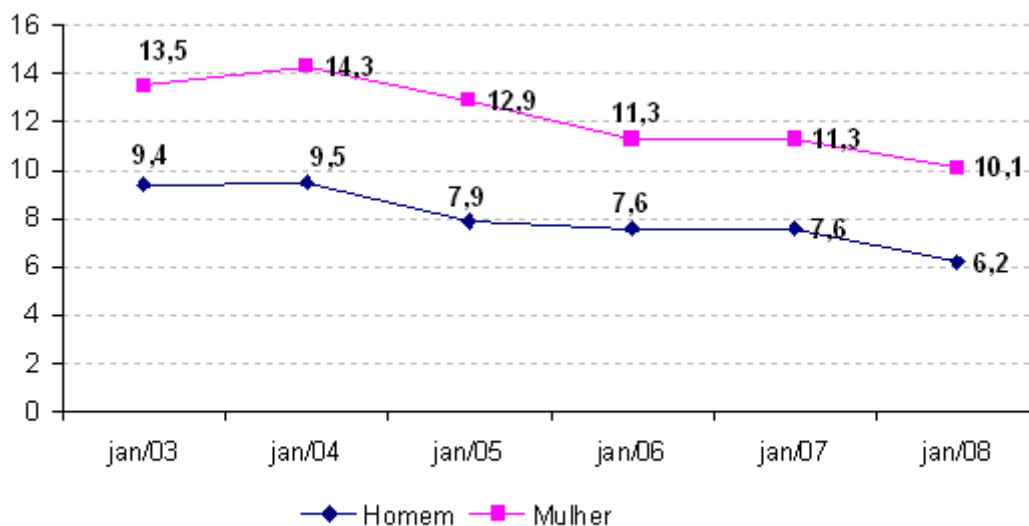
Com um acréscimo de 25 milhões de trabalhadoras entre 1976 e 2002, as mulheres desempenharam um papel muito mais relevante do que os homens no crescimento da população economicamente ativa. Enquanto as taxas de atividade masculina mantiveram-se em patamares semelhantes – entre 73 e 76% em praticamente todo o período –, as mulheres se ampliaram significativamente. Se em 1976, 28% das mulheres trabalhavam, adentramos o novo milênio com a metade da população feminina trabalhando ou procurando um trabalho(...) A importância crescente das mulheres na força de trabalho pode ser ainda observada de outra perspectiva, através de sua participação na População Economicamente Ativa – PEA: em 1976 a parcela das mulheres na PEA de 29%, em 2002 ela atinge 43%. (CARVALHO E SILVA, 2006, p. 162)

Agora que a mulher se encontra bem mais próxima dos homens, quando se trata de trabalho, ela acaba acumulando funções, pois muitas vezes ela trabalha fora e em

casa, cuidando dos filhos, do marido e do lar. No século XXI temos mulheres mais capacitadas do que homens, mas ainda com salários inferiores e com jornada dupla de trabalho.

Segundo Pesquisa Mensal de Desemprego, realizada pelo IBGE, nas regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, temos os seguintes dados:

Mulheres predominam entre os que procuram trabalho.



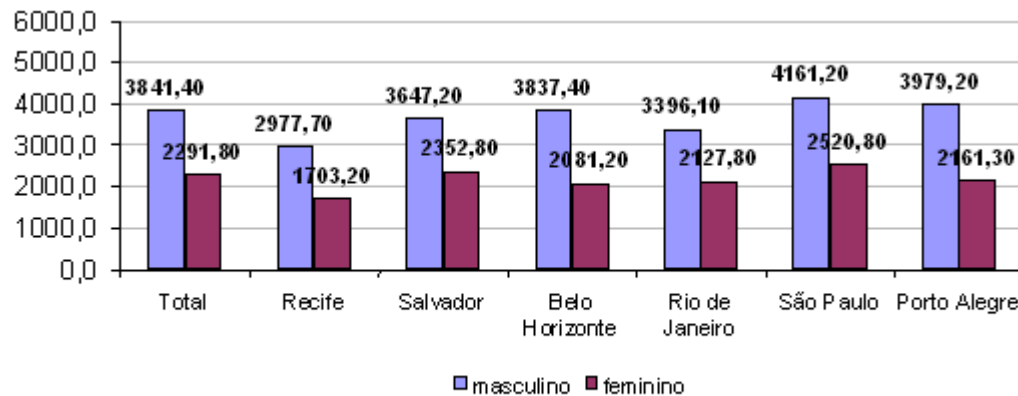
FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego.

Em média, o rendimento das mulheres equivale a 71,3% do recebido pelos homens.

	Rendimento Médio Habitual dos Homens		Rendimento Médio Habitual das Mulheres	
	jan/03	jan/08	jan/03	jan/08
Total	1.302,30	1.342,70	933,53	956,80
Recife	834,91	926,20	647,88	703,00
Salvador	1.199,24	1.070,40	793,54	793,90
Belo Horizonte	1.102,67	1.250,80	705,09	816,10
Rio de Janeiro	1.088,78	1.260,90	817,82	952,90
São Paulo	1.529,24	1.528,80	1.100,86	1.076,40
Porto Alegre	1.100,94	1.295,10	782,73	897,20

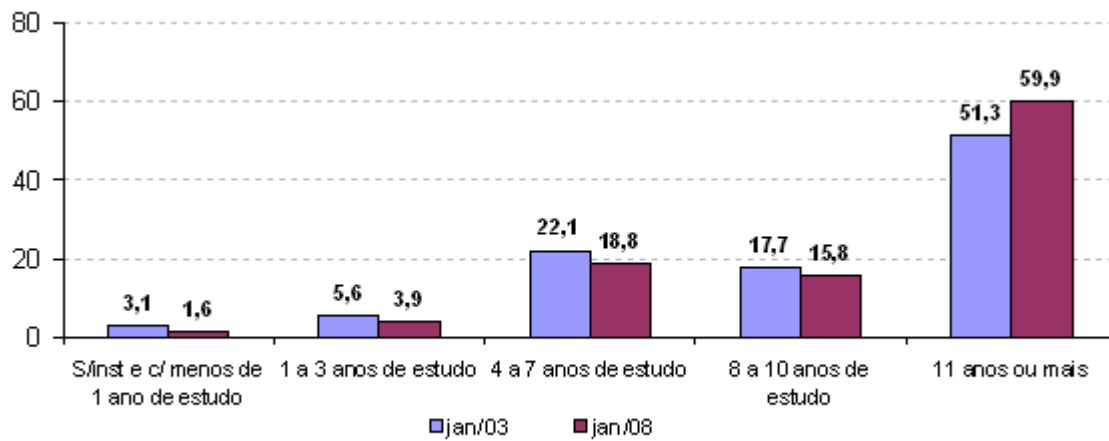
FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego

Mulheres com nível superior recebem 60% do rendimento dos homens.



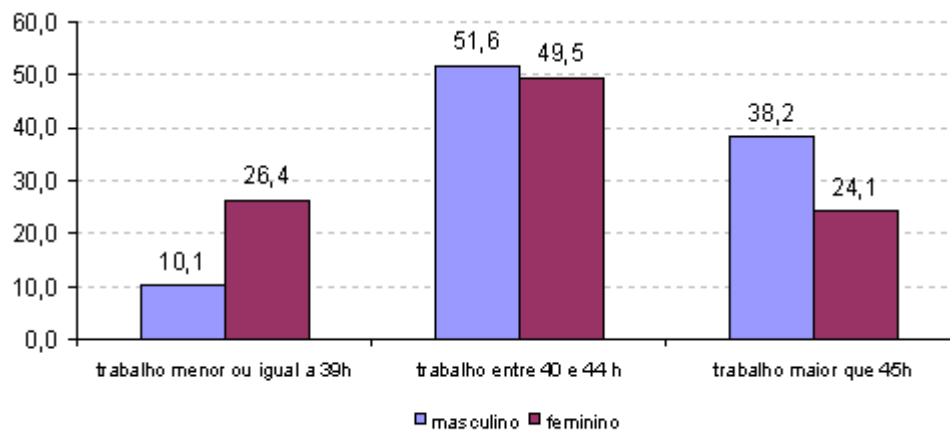
FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego

Escolaridade das mulheres permanece mais alta que a dos homens.



FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego.

Mulheres predominam entre os trabalhadores com jornadas menos extensas.



FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego.

4. Mulher no jornalismo

No jornalismo, a história é a mesma, as mulheres conquistaram seu espaço. Dulcília Schroeder Buitoni em *Imprensa Feminina* comenta sobre os poucos estudos existentes sobre a mesma.

A imprensa feminina, embora pouco estudada nos cursos de Comunicação no Brasil, seja enquanto processo de produção, seja enquanto análise das publicações que a constituem, é um dos assuntos mais estimulantes para pesquisa, devido às articulações sociais, econômicas e culturais que estão implícitas em sua estruturação. Além disso, constitui um mercado de trabalho em permanente expansão. (BUITONI, 1990, p. 5)

Alzira Alves de Abreu Dora Rocha, em *Elas ocuparam as redações*, analisa a entrada das mulheres nas redações.

Em primeiro lugar é importante ressaltar que a entrada de um grande número de mulheres nas redações a partir da década de 1970 não foi um fenômeno específico do meio jornalístico, mas acompanhou uma tendência geral observada em todo o país. Se fizermos um estudo de outras profissões, como medicina, arquitetura, direito, pesquisa científica, veremos que até 30 anos atrás elas também pertenciam ao mundo masculino (...) Se, pelo censo de 1950 as mulheres representavam 15,6% da população economicamente ativa, em 2002, de acordo com os dados do Pnad, esse percentual atingiu 43%. O nível de escolaridade das mulheres é superior ao dos homens, o que é um outro dado importante para a explicação do aumento da participação feminina no jornalismo. (DORA ROCHA, 2006, p.9)

A profissão de jornalista exige muita dedicação e várias horas de trabalho, por isso quem trabalha na área tem que ser apaixonado pela profissão. É uma correria que na grande maioria das vezes não muito bem remunerada quanto deveria, pelo quanto trabalha. “(...) quem vai trabalhar em jornal tem de gostar muito da profissão, ter prazer em exercê-la e pendor para a sua prática; se for só para ganhar a vida, há outras profissões com remunerações bem mais gratificantes.” (TRAVANCAS, 1992, p. 76)

Travancas pensa que o jornalismo não é uma profissão masculina.

Comentando sobre a paixão que, de certa forma, a ocupação a seu ver exige, acha que ela não discrimina a mulher; ao contrário, é uma profissão de mulher, na medida em que exige abnegação e entrega, qualidades muito femininas (...) Emprega-se o termo “invasão”, ao se referir à presença das mulheres nas redações. Enfatiza ainda que é raro encontrar mulheres em cargo de chefia ou

em Esporte. Para compensar, na área de reportagem, as mulheres estão em maioria. Supões haver duas razões para isso: o fato de a mulher se esforçar mais, ser mais dedicada e de seu salário ser geralmente menor. (TRAVANCAS, 1992, p.76)

Em *Elas ocuparam as redações*, Luiz Garcia, editor de opinião do jornal *O Globo* comenta sobre o diferencial que a mulher levou ao jornalismo.

A mulher trouxe para o jornalismo algo que faltava nas redações quase exclusivamente masculina nas décadas de 50 e 60 (...) o processo de transformação do jornalismo, que deixou de ser uma escada para posições consideradas mais respeitáveis, muito deve àquelas profissionais que se satisfaziam em ser boas jornalistas. (DORA ROCHA, 2006, orelhas)

Em depoimento ao livro *Complexo de Clark Kent*, a jornalista Marília Gabriela comenta sobre o que dificulta e onde facilita ser mulher no jornalismo, e a que patamar uma mulher pode conseguir chegar.

Quando comecei era mais difícil. Passei por dois governadores em São Paulo que tinham baixa estatura, então fui proibida de fazer entrevista em pé. Não é ridículo? Passei pela proibição de entrar em campo de futebol e essas coisas todas. E até estourar na praça eu tive que brigar muito para que não me passassem a perna na questão salarial. Hoje em dia, acho que ajuda: ser mulher, na minha condição hoje, eu acho que ajuda. Há todo um charme de querer dar entrevista para aquela mulher Marília Gabriela. Mas não tenho o menor pudor em dizer isso, digo por critério mesmo: se algumas coisas estão mais fáceis é porque alcancei um estrelato, então tem gente que quer me dar entrevista eu dificilmente deixo de falar com qualquer autoridade neste país se eu pegar o telefone pessoalmente para chamar. Dificilmente uma autoridade ou um empresário deixa de dar uma resposta a uma pergunta feita por mulher, e no meu caso menos ainda. (1991 apud VIEIRA, 1991, p. 81)

Em entrevista ao livro *Elas ocuparam as redações*, a jornalista Fátima Bernardes fala sobre o fato de que apesar de as mulheres estarem em todas as redações e em todas as editorias, dificilmente ocupam cargos de chefia.

Antes as mulheres diziam: tenho que trabalhar, tenho que estar no espaço. Talvez agora, elas tenham que passar para um outro tipo de luta, concorrer às chefias. Mas acho que a nossa dupla jornada dificulta um pouco isso. Por exemplo, hoje, se eu recebesse um convite para virar uma editora-chefe do *Jornal Nacional*, não poderia aceitar. Não teria a disponibilidade de estar, diariamente, de dez – o que significa que a atividade profissional começou antes, óbvio – às 21:30h na televisão (...) Acho que hoje a divisão de trabalho em casa já é melhor – ou seja, já dá para contar com o marido em várias coisas –, mas não é igualitária. A disponibilidade de muitas mulheres ainda não é igual

à dos homens, porque ainda se tem aquela concepção de que, quando eles saem de casa para trabalhar, acabou. É a missão deles. E não tem divisão, não tem babá ou empregada que resolva isso, porque um dia a empregada também vai ter problema com o filho dela e vai precisar faltar. Não tem jeito. (DORA ROCHA, 2006, p.271 e 272)

Apesar de as jornalistas terem ocupado as redações e várias das editorias, elas ainda passam por problemas comuns a qualquer outra profissão. A diferença salarial e a falta de tempo com sua dupla jornada são alguns dos exemplos. Mas os avanços e as conquistas são notáveis se comparar a 30 anos atrás. Por mais que ainda possa existir preconceito as mulheres derrubaram barreiras e conquistaram seu espaço e respeito, mostrando sua capacidade.

5. Mulher no esporte

Em conquistas mais recentes, a mulher ganhou espaço na prática e competições esportivas. Mas para iniciar nas participações esportivas, não foi fácil, assim como explica Gertrud Pfister em *Mulheres no Esporte*.

No século XIX, as mulheres, bem como os fogões nos quais cozinhavam, pertenciam ao lar e não às quadras esportivas. Isto era verdadeiro tanto para a Europa quanto para os EUA. Fazia parte “da natureza das coisas” que meninas devessem ser excluídas das primeiras iniciativas e conceitos de educação física (...) As meninas e mulheres não tiveram, por exemplo, permissão para participar do primeiro *Turnen* alemão aberto, em 1811, em um parque de Berlim conhecido como Hasenheide; apenas puderam admirar os feitos do *Turnen* do perímetro. O esporte moderno de origem inglesa era, em sua fase inicial, também domínio exclusivamente masculino. Embora o exercício físico e a competição fossem considerados incompatíveis com a natureza feminina, no final do século XIX várias mulheres participaram em corridas de bicicleta, em competições de natação e até pára-quedismo e salto de esqui, causando escândalo no público. (PFISTER, 2004, p.3)

O preconceito existente que fez com que as mulheres de mantivessem longe dos esportes, o que influência até nos dias de hoje.

A história das mulheres no esporte, a polêmica sobre a prática de atividade esportiva por mulheres é tão antiga quanto a dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, onde os homens competiam nus e as mulheres eram proibidas até de assistir às competições. O veto às mulheres estava no primeiro item do regulamento Olímpico, que proibia a participação de mulheres em qualquer modalidade. Às mudanças foram lentas e que vários séculos se passaram antes que às mulheres comesçassem a conquistar o direito de praticar alguns esportes.

Na Idade Média, com o comportamento fortemente influenciado pela Igreja Católica, a prática esportiva ainda continuava proibida para as mulheres. Só a partir do Renascimento é que as mulheres foram liberadas a praticar algumas modalidades femininas. A mulher só conseguiu conquistar um espaço mais significativo no esporte após a mudança provocada pelas idéias dos filósofos humanistas. Apesar de vários avanços, a participação efetiva do sexo feminino nos esportes competitivos aconteceu apenas nos jogos olímpicos de 1900, onze mulheres foram até Paris, na França, para participar dos I Jogos Olímpicos da era Moderna. Desde então, a participação feminina nos Jogos Olímpicos tem crescido constantemente, a ponto de restarem poucas modalidades que não oficializaram as competições para os dois sexos. (EMANCIPAÇÃO NO ESPORTE, 2008)

De acordo com Ângela Schneider em *Mulheres no Esporte*, “a história da ética na participação de mulheres em esportes, o esporte olímpico em particular, é a história de dois ideais em conflito (...) o ideal dos jogos olímpicos e do atleta olímpico ideal aplicavam-se específica e exclusivamente aos homens.” (2004, p. 345)

Segundo Schneider em *Mulheres no esporte*:

Pelas idéias de Coubertin, os objetivos a serem alcançados por atletas através da participação nos jogos olímpicos não seriam apropriados para as mulheres. Esta idéia básica de que o esporte, e particularmente o esporte competitivo de alto nível, seria de alguma forma incompatível com o que as mulheres representam, ou com o que elas deveriam ser, domina qualquer polêmica sobre os aspectos éticos da mulher no esporte (SCHNEIDER, 2004, p.345).

De acordo com Ângela, um elemento relacionado a mulher no esporte é chamado por alguns pesquisadores de “a questão do preconceito sexual” (2004, p. 345).

Na década de 1920, as mulheres haviam aprendido a desempenhar papéis masculinos durante a Primeira Guerra Mundial lutaram de modo crescente por seus direitos. Em muitos países elas conseguiram o direito de votar nos anos 1920 e também tiveram acesso à universidade e às profissões acadêmicas (...) O esporte, principalmente o competitivo, também era um domínio no qual as mulheres tiveram de lutar por seus direitos. A oposição em relação à participação do “sexo frágil” em competições esportivas e nos jogos olímpicos ainda não havia sido superada. As provas de atletismo foram particularmente controversas, uma vez que eram o domínio clássico de atletas masculinos desde o princípio. Karl Ritter von Halt, por exemplo, um renomado atleta alemão e membro do COI de 1929 até 1964, declarou nos anos de 1920 que “os homens nasceram para competir; a competição é estranha à natureza da mulher. Assim terminemos com os campeonatos de atletismo feminino” (PFISTER, 2004, p. 4 e 5)

Os anos passaram e as mulheres conseguiram participar das competições esportivas.

De 1900 a 2000 foram realizadas vinte e quatro edições de Jogos e as mulheres seguiram participando em um número crescente de modalidades, marcas, tempos e recordes pondo por terra o rótulo de sexo frágil. Mas nem por isso o tratamento desigual em relação aos atletas do sexo masculino deixou de existir. Ou seja, da mesma maneira que no mundo profissional a mulher avançou e conquistou seu espaço nas mais variadas funções, mas ainda não venceu as barreiras do preconceito, no mundo esportivo isso também se deu. A

imposição da diferença está dada na determinação de prêmios e privilégios que permanecem maiores para os atletas do sexo masculino. E mais uma vez o esporte imita a vida. (RUBIO, 2001, p. 137 e 138)

Além de terem passado um bom tempo sem poder fazer parte das competições esportivas, passaram também pelo problema de não serem reconhecidas pelo que fazem. Nos jornais e revistas, sempre dão maior valorização aos feitos realizados por homens do que por mulheres.

O Esporte é outro tema onde as mulheres não apresentam uma só aparição nas capas como protagonistas. É de alguma forma compreensível para um país que possui o futebol como esporte preferido das massas, que os homens tenham uma representatividade mais ampla que as mulheres. Porém, em esportes como o basquete e o voleibol, as mulheres tiveram consideráveis destaques em competições internacionais. A completa inexistência de capas focando as diferentes modalidades de esportes sem que uma só esteja dedicada à mulher abre espaço para uma reflexão sobre as causas. (ADAMI HELLER e FARIA CARDOSO, 2003, p. 331)

Os Jogos Olímpicos de Pequim 2008, foram importantes para as atletas brasileiras. A judoca Ketleyn Quadros foi a primeira brasileira a ganhar uma medalha em provas individuais em Olimpíadas. No total, com uma delegação de 133 atletas, as mulheres tiveram um desempenho superior ao dos homens. Conquistaram duas medalhas de ouro, uma de prata e três de bronze, contra uma de ouro, duas de prata e cinco de bronze da delegação masculina que possuía 144 atletas. As medalhas de ouro foram conquistadas pela saltadora Maurren Maggi e pela equipe de voleibol, fato não conseguido pela favorita equipe masculina. Pela primeira vez as mulheres conquistaram resultados melhores do que os homens, evitando o fracasso da delegação brasileira nas Olimpíadas de Pequim.

Hoje as competições femininas têm nível comparável às masculinas e mesmo com o preconceito e machismo, ganhou visibilidade. No futebol, o time feminino é um dos melhores do mundo, teve resultado melhor do que a seleção masculina nas Olimpíadas, e tem a melhor jogadora do mundo eleita pela *FIFA*.

As mulheres também já começaram a ocupar uma posição completamente dominada por homens, invadiram também o gramado do futebol masculino. As partidas são apitadas por juízas com o auxílio de bandeirinhas mulheres que conquistaram o respeito dos jogadores, conseguindo controlar uma partida de futebol assim como os

juízes do sexo masculino. Um grande avanço para uma sociedade machista e preconceituosa que ainda vivemos.

6. Mulher na cobertura esportiva

As mulheres estão cada vez mais presentes em profissões antes dominadas por homens. No jornalismo, também estão presentes em editorias predominadas pelos homens. Mas esse é um fato recente. “Era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 70. A coisa mudou. Não que hoje as redações esportivas tenham o mesmo número de mulheres com relação ao contingente masculino” (COELHO, 2003, p. 34).

A luta por espaço entre o mundo esportivo não é atual. A história polêmica da participação feminina nos esportes é tão antiga quanto os Jogos Olímpicos da Grécia, onde só os homens competiam e as mulheres nem mesmo assistiam aos jogos. As mudanças foram muito lentas, mas as mulheres conquistaram seu espaço no mundo dos esportes.

Ainda no final do século XX, as mulheres lutavam para obterem maior participação feminina no esporte brasileiro. A primeira ciclista brasileira a participar dos Jogos Olímpicos foi Claudia Carceoni, em Barcelona/1992, e também foi a única a participar do Tour de France em 1989.

Estas mudanças repercutiram diretamente nos programas esportivos da telinha. As mulheres vieram para soltar o verbo; entendem de basquete, rali, fórmula 1 e futebol. Em geral, aquelas que estão à frente do jornalismo esportivo não deixam de fazer parte do imenso grupo de amantes e praticantes femininas de esportes. (RAMOS, 2008)

Houve uma época que os esportes eram praticados somente por homens e este fato reflete até hoje no que se refere ao interesse pelos esportes. Há um número muito maior de homens que costumam acompanhar competições esportivas do que mulheres.

Mas é possível até que o índice feminino na redação reflita o interesse da população. Se em um estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens do que mulheres, é normal que haja também índice diferente de homens e mulheres na redação. (COELHO, 2003, p.34)

O preconceito contra as mulheres que se interessam e trabalham com esportes é outro ponto importante. Ainda vivemos em uma sociedade machista, onde mulher que tenha muito contato com esportes não é tão bem vista, quanto uma que se interesse por moda, nem por homens e até mesmo por mulheres. Pensam que em um jornal, o lugar da mulher é em qualquer editoria, menos na de esportes

Normal não é que haja preconceito. Homens e mulheres devem ter o mesmo direitos. Têm. Os mesmos níveis salariais, o que incrivelmente se verifica nas redações, ao contrário das demais profissões. Devem ter as mesmas oportunidades. O que não se pratica em boa parte das editorias do país. Menos ainda nas de esportes. Não que não haja oportunidades. O caderno de esportes do *Estado de S. Paulo* já teve mulher no comando. Isabel Tanese permaneceu quase três anos no cargo (...) Kitty Balieiro é chefe de redação da ESPN Brasil, um dos canais de TV do país especializados em esporte. Mas é sempre visto como algo curioso uma mulher que parece entender de esportes (...) Pode-se dizer que as redações de esporte do país têm 10% de mulheres (...) O fato, no entanto, é que as mulheres na maior parte são encaminhadas para as editorias de esportes amadores. É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Territórios onde o machismo ainda impera. Mas também onde menos mulheres do que homens demonstram conhecimento. (COELHO, 2003, p. 34 e 35)

Na cobertura da última Copa do Mundo, na Alemanha em 2006, a jornalista Fátima Bernardes, em sua terceira cobertura de Copa falou sobre a presença feminina na cobertura.

A questão não é ser mulher. Você não estar no dia-a-dia é diferente. Quando o enfoque não é no noticiário esportivo, as mulheres conseguem às vezes algumas coisas diferentes". Fátima acredita que a onda de mulheres na cobertura esportiva veio para ficar. "Na cobertura dos jogos olímpicos já temos mais mulheres. Sem falar nas redações, onde elas já representam 50% dos profissionais. Aos poucos, o número de mulheres nas coberturas de Copa vai aumentar. (MULHERES "assaltam" cobertura jornalística da Seleção: Terra – Brasil, 2008)

Nos tempos recentes as mulheres conquistaram um espaço considerado nas coberturas esportivas, quebrando tabus e preconceitos. Nas emissoras de TV aberta como a *TV Globo*, as mulheres estão à frente do principal programa de esportes de domingo, o *Esporte Espetacular*, transmitido nas manhãs, apresentando e fazendo reportagens. Não só na *Globo* as mulheres têm participação, na *Band* e na *Rede Record* conquistaram importante espaço comentado nos principais programas do gênero nas emissoras. Nos canais de TV por assinatura *Sportv* e *ESPN Brasil*, elas apresentam programas e fazem comentários sobre esportes em geral, inclusive sobre futebol.

“Grandes nomes surgiram para marcar a presença feminina no jornalismo esportivo. A participação das mulheres no esporte e a credibilidade do jornalismo esportivo estão nas mãos delas, que desde a Grécia Antiga, lentamente, conquistaram

com méritos seu espaço.” (RAMOS, 2008)

7. Conclusão

Com o conceito apresentado foi possível verificar que o jornalismo esportivo é uma das editorias que envolve mais paixão na cobertura e que exige mais cautela e imparcialidade.

No mercado de trabalho, as mulheres conquistaram e ainda conquistam um espaço considerável, mas a desigualdade tanto de espaço quanto de remuneração ainda é grande, no jornalismo elas estão muito presentes, e até mesmo alguns homens consideram o jornalismo como uma profissão que necessita de características que estão presentes nas mulheres, mas como em qualquer outra profissão ainda não ocupam muitos cargos de chefia.

Nas práticas esportivas, as mulheres hoje têm delegação nas olimpíadas com número equiparado a delegação masculina, mas nos primeiros Jogos Olímpicos a situação era outra completamente diferente, as mulheres não podiam nem mesmo assistir as competições.

Na cobertura esportiva, assim como na prática de esportes as mulheres começaram a ocupar cargos que eram completamente dominados por homens, e hoje são respeitadas por muitos deles.

Com esta pesquisa pudemos concluir que o preconceito e a discriminação que sempre existiram contra as mulheres, foram as barreiras responsáveis pela presente diferença na quantidade de homens e mulheres que fazem a cobertura de esportes. Barreiras essas que ainda são derrubadas nos dias de hoje. Mas com sua capacitação, as mulheres ocuparam espaços que até alguns anos atrás eram somente ocupados por homens e continuarão ocupando.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves (org) e ROCHA, Dora (org). *Elas ocuparam as redações*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ADAMI, Antonio (org) HELLER, Bárbara (org) e FARIA CARDOSO, Haydée Dourado de (org). *Mídia, Cultura, Comunicação.2*. São Paulo: Arte e Ciência Editora, 2003.

BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. *Manual do Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006.

BITTONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1990.

CARVALHO e SILVA, José Antônio de. *Estresse no trabalho: machismo e o papel da mulher*. Rio de Janeiro: Muiiraquitã, 2006.

COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.

DRINKWATER, Bárbara (org). *Mulheres no esporte*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

EMANCIPAÇÃO NO ESPORTE Disponível em:
<<http://www.geocities.com/baja/cliffs/5984/emanc.htm>>. Acesso em: 16 out. 2008.

FCC: Fundação Carlos Chagas. Disponível em:
<http://www.fcc.org.br/mulher/series_historicas/mmt.html>. Acesso em: 23 set. 2008

HISTÓRIA do Esporte Disponível em:
<<http://www.ueonline.com.br/universidadedoesporte/historia%20do%20esporte.htm>>. Acesso em: 02 set. 2008.

IBGE: Estudo Especial sobre a Mulher - PME. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=1099>. Acesso em: 21 out. 2008.

JORNALISMO esportivo: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Jornalismo_esportivo>. Acesso em: 15 out. 2008.

MARUANI, Margareth (org) e HIRATA, Helena Sumiko (org). *As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: Senac, 2003.

MESSINA, Ágata (org). *Jornalismo Esportivo: Os craques da emoção*. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2004.

MULHERES "assaltam" cobertura jornalística da Seleção: Terra - Brasil. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa2006/selecoes/interna/0,,OI1035361-EI5583,00.html>>. Acesso em: 15 out. 2008.

NAEGELE, Renato (org). *Seminário de Comunicação Banco do Brasil*. Brasília: Banco do Brasil, 2001.

RAMOS, Ana Paula. Canal da Imprensa. Disponível em: <<http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/midia/vintedicoes/decedicao/midia3.htm>>. Acesso em: 18 out. 2008.

RUBIO, Kátia. *O atleta e o mito do herói: O imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. *O mundo dos jornalistas*. Rio de Janeiro: Summus Editorial, 1992.

VIEIRA, Geraldinho. *Complexo de Clark Kent*. Rio de Janeiro: Summus Editorial, 1991.

VILAS-BOAS, Sergio (org). *Formação e Informação Esportiva*. São Paulo: Summus Editorial, 2005.